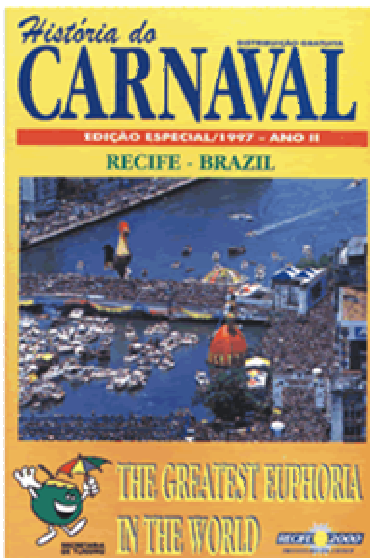


HISTÓRIA DO CARNAVAL 1997

*Claudia Lima



Nascido da mistura entre os dobrados militares e a dança dos capoeiras que abriam as alas dos clubes carnavalescos, o frevo entrou para a vida dos pernambucanos. O primeiro registro da palavra "frevo" - para designar o ritmo característico do carnaval de que se tem notícia na imprensa pernambucana data de 1907, no Jornal Pequeno. No dia 9 de fevereiro de 1907, então sábado de Zé Pereira, o clube carnavalesco Empalhadores do Feitosa publicou o repertório que seria executado pela agremiação; "O Frevo" seria uma das marchas tocadas pela orquestra.

Além das canções militares, o mais tradicional dos ritmos pernambucanos surgiu ao se mesclar também com maxixes e marchinhas, no final do século 19 e começo do século 20. O frevo como 'música' nasceu dos gêneros musicais comumente executados naquela época, mas de maneira acelerada, para poder acompanhar os movimentos dos grupos rivalizantes, determinando, desta forma, a criação do frevo-de-rua.

Convencionou-se chamar "frevo-de-rua" àquele que é instrumental, sem letra.

O frevo nasceu na rua, no meio do povo, daquelas pessoas que, espontaneamente, sempre fizeram o carnaval do Brasil. Na abertura dos desfiles de cada clube, os capoeiras vinham dançando e exibindo seus improvisos, para intimidar os clubes adversários. Foi aí que nasceu o "passo", como é denominada a dança do frevo.

Outros dois gêneros dentro do ritmo frevo são o "frevo-canção" e o "frevo-de-bloco". Extensão natural do frevo-de-rua, o frevo-canção surgiu nos primeiros anos do século 20, com uma parte introdutória, que é instrumental, continuando depois com uma parte cantada. Já na década de 1930, com a classe média começando a participar da folia, apresenta-se o frevo-de-bloco, remanescente dos grupos de pastoril, tendo como característica a orquestra de pau e corda e um coral feminino.

Na atualidade o frevo goza de fama em todo o país, mas sofre com o fato de ser executado essencialmente apenas no período do Carnaval e em Pernambuco, não sendo comum ouvir frevo em outras épocas do ano.

Quando se aborda o tema carnaval no Brasil, apenas se ressalta o folguedo como festa sazonal, não se leva em consideração todo o potencial de informações pedagógicas inseridas no contexto, nem tampouco as possibilidades de emprego e renda. A Bahia e o Rio de Janeiro caminham na direção do futuro, Pernambuco continua na era dos senhores feudais e esbarrando na vontade da classe dominante.*Claudia Lima: é graduada em Comunicação Social, com Especialização em História do Brasil e Mestrado em Gestão de Políticas Públicas pela Fundação Joaquim Nabuco, é também etnógrafa, folclorista, africanista, escritora e pesquisadora. Pernambucana, nascida no Recife em 26 de outubro de 1957, tem como hobby a fotografia e a modelagem em argila. Recebeu em 1997, da Prefeitura da Cidade do Recife, o título de "História Viva do Recife", pela contribuição literária ao resgatar aspectos do folclore pernambucano. Neste ano 2006, Claudia Lima está completando 10 anos da sua primeira publicação com a revista "História do Carnaval", ano 1996 e o livro paradidático "Um sonho de folião". As revistas do carnaval se seguiram até o ano de 2001. Em 1997, publicou também as

revistas "História Junina" e "História do Folclore". Em 1999, lançou o livro "Tachos e Panelas: historiografia da alimentação brasileira", comparado as grandes obras de estudos alimentares de Gilberto Freyre e Luís da Câmara Cascudo. No ano de 2001, congregou as pesquisas sobre o carnaval no livro "Evoé: história do carnaval das tradições mitológicas ao trio elétrico".

* Claudia Lima: Graduação em Comunicação Social, Especialização em História do Brasil, Mestra em Gestão de Políticas Públicas pela Fundação Joaquim Nabuco, folclorista, etnógrafa, pesquisadora e escritora.

Site: www.claudialima.com.br

E-mail: claudiarochalima@yahoo.com.br

